



Atrasos e custos mais elevados

A greve dos estivadores nos portos do continente, nomeadamente no de Lisboa, tem causado atrasos na chegada das cargas ao Porto do Caniçal.

João Pocinho, da Empresa de Navegação Madeirense, adiantou ao JM que esta situação tem feito com que, por vezes, as mercadorias cheguem com três ou quatro dias de atraso. «Temos conseguido manter os abastecimentos à ilha de forma regular, de modo a que as pessoas não sintam muito isso na sua vida», adiantou o nosso interlocutor, acrescentando, no entanto, que a situação «torna-se mais complicada e com acréscimos de custos que as empresas neste momento estão a sofrer». Tal como referiu, por vezes há contentores que, não podendo embarcar no Porto de Lisboa, têm de ir para o Porto de Leixões por via rodoviária, o que «encarece o contentor cerca de 600 euros».

O responsável adiantou que todos os produtos que são colocados nos armazéns da empresa estão a ser transportados. A grande problemática reside nos atrasos na saída dos navios do Continente. «O nosso problema é não termos a capacidade dos portos de receber e expedir em tempo ideal as nossas cargas», sublinhou, especificando ainda que, dos navios que deviam ter chegado na segunda-feira ao Caniçal, um chegou ontem e outro deverá chegar hoje ou amanhã, «já quase com uma semana de atraso». □



em foco

Presidente da ACIF diz que «é urgente acabar com esta greve no Porto de Lisboa»

O presidente da Associação Comercial e Industrial do Funchal (ACIF) entende que é «urgente» acabar com a greve no Porto de Lisboa o quanto antes.

Em declarações ao JM, Duarte Rodrigues deixa um apelo para que seja encontrada uma solução e haja um entendimento entre as partes, para que «rapidamente se acabe com esta greve, que tem consequências para a Madeira - que naturalmente, poderiam ser maiores se não houvesse serviços mínimos - e que está a trazer grandes constrangimentos e grandes dificuldades aos armadores, aos comerciantes e, consequentemente, ao consumidor final». «Certamente, a manter-se este tipo de greve, é muito provável que, à semelhança do que acontece a nível internacional, possam aparecer sobre-custos para os consumidores finais decorrentes destes constrangimentos»,

apontou o responsável.

O nosso interlocutor sublinha que é fundamental pôr termo a esta paralisação, porque, desde logo, o Porto de Lisboa passaria a funcionar normalmente e, por outro lado, o mesmo iria acontecer com o Porto de Leixões, que actualmente está congestionado devido à deslocalização para ali de operações portuárias, causada pela greve na infra-estrutura de Lisboa. Com o funcionamento normal dos portos, o abastecimento à Região também seria regularizado.

Neste momento, a greve dos estivadores no Porto de Lisboa está a causar atrasos no abastecimento à Madeira. Por outro lado, devido à paralisação, muitos navios estão a procurar portos alternativos, nomeadamente o de Leixões, o que faz com que esta infra-estrutura portuária, por sua vez, também esteja com grandes proble-



Mínimos não resolvem

O presidente da ACIF diz que os serviços mínimos decretados para o Porto de Lisboa não resolvem o problema da Região.

Segundo esta determinação, se, por exemplo, um navio tem serviços mínimos hoje, o próximo navio a pedir serviços mínimos só poderá fazê-lo daqui a cinco ou mais dias. «Tendo em consideração que a Madeira é abastecida duas vezes por semana - à sexta e à terça - se o navio de sexta-feira pedir serviços mínimos, o de terça já não pode pedir e, portanto, tem de se sujeitar às janelas horárias mínimas que existem para carregar», exemplifica Duarte Rodrigues, frisando que os serviços decretados, «na prática, no caso da Madeira e dos Açores, também significam que apenas um navio por semana pode usufruir do chamado serviço mínimo», pelo que «é uma situação que não resolve o nosso problema». □

mas.

A par disso, há que referir que a «fuga» de navios para Leixões tem outras consequências, nomeadamente maiores custos para a operação, devido ao transporte, por via terrestre, dos contentores de Lisboa para Leixões.

De acordo com Duarte Rodrigues, se, por um lado, os armadores estão a ser «altamente lesados» em termos de custos, por outro, a Região (comerciantes e consumidores finais) também está a ser afectada. «Nós temos dois navios a sair do Continente para a Madeira à sexta-feira e um à terça-feira. Os navios da sexta-feira, devido às greves e ao congestionamento de Leixões, estão a derrapar, de forma que já estamos neste momento com isto tudo invertido, ou seja, os navios da sexta já estão a sair à terça e os da terça já estão a sair ao fim da semana», disse. □



■ ISABEL CATARINA RODRIGUES, SOBRE AS GREVES PERMANENTES VERIFICADAS AO NÍVEL DOS PORTOS

Situação «inadmissível» no actual estado do País

«É inadmissível, no estado em que o País se encontra, estarmos a ser confrontados permanentemente com situações destas», disse Isabel Catarina Rodrigues, referindo-se às constantes greves nos portos.

A directora Regional do Comércio, Indústria e Energia considera «inadmissível, no estado em que o País se encontra, estarmos a ser confrontados permanentemente com as greves nos portos. Isabel Catarina Rodrigues reage, desta forma, às paralisações dos estivadores que já se vêm arrastando, parcial ou totalmente, desde Agosto/ Setembro e que têm tido um grande impacto na economia nacional e regional.

«Acho que é uma situação incomportável e inadmissível, num país no estado em que o nosso está, ainda haver esta situação e esta permanência de greve durante tanto tempo num sector, que acaba por ter um impacto muito grande em toda a economia, não só nacional, mas também regional, com constrangimentos enormes», afirmou a responsável, salientando que esta situação «de forma nenhuma salvaguarda a imagem do nosso país no exterior».

Isabel Catarina Rodrigues sublinha que esta greve permanente tem impactos a vários níveis, que «são lesivos para o País», referindo-se não só à questão da entrada, mas também à saída de mercadorias, já que «há prazos de cumprimentos, há uma série de acordos estabelecidos com o exterior que provavelmente não estão a ser cumpridos», devido a

esta situação.

«Acho que isso cria um constrangimento muito grande para um país que não está nas melhores condições de ser confrontado com situações destas», considerou a nossa interlocutora, adiantando que é importante haver uma intervenção do Governo da República nesta matéria. «Não vou dizer que as pessoas não tenham direito à greve, mas, se calhar, há todo um interesse nacional que devia ser posto acima de tudo», disse ainda.

Abastecimento com ligeiros atrasos mas salvaguardado

No que concerne aos impactos que estas greves têm tido na Região, a directora regional referiu que o abastecimento de produtos essenciais tem sido feito, embora com ligeiros atrasos. «Os pedidos têm sido feitos, as mercadorias têm entrado», adiantou, acrescentando que «tem havido, por parte das várias entidades regionais, sempre a preocupação em salvaguardar o abastecimento da Região», trabalhando, para isso, mesmo fora de horas. «Às vezes, nos supermercados, pode haver um produto ou outro que exista falta, mas depois é reposto logo de imediato», disse, exemplificando que «o navio não chega no dia X,



Directora regional do Comércio, Indústria e Energia.

mas chega noutro dia».

Nesse esforço de salvaguardar o abastecimento regional, Isabel Catarina Rodrigues sublinha que há grupos económicos que têm procedido ao transporte dos contentores, por via terrestre, para o Porto de Leixões (que não se encontra em greve), o que implica custos acrescidos. A esse respeito, destaca que as empresas estão a assumir esses ónus e não estão a repercuti-los nos preços de venda ao consumidor. □

rcaldeira@jornaldamadeira.pt

Governo fixa serviços mínimos nos portos

O Governo fixou, terça-feira, serviços mínimos para a greve nos portos de Lisboa e Setúbal, que se iniciou ontem e se prolonga até 05 de Dezembro. Entretanto, e tal como adiantava, ontem, o «Expresso», na sua edição online, «apesar de a considerar insuficiente, o presidente do Sindicato dos Estivadores do Centro e Sul admite que a proposta de acordo feita pelo Governo abre a possibilidade de se chegar a um consenso sobre o novo regime do trabalho portuário».

Maior impacto ao nível dos frescos e dos perecíveis



Texto: Ricardo Caldeira
Fotos: Duarte Gomes e Arquivo JM

A greve nos portos do continente, nomeadamente no de Lisboa, está a atrasar o abastecimento de alguns produtos em supermercados da Região. Elísio Santos, director-geral da Jerónimo Martins na Madeira, refere que o maior impacto nos supermercados Pingo Doce verifica-se ao nível dos frescos e perecíveis e nos produtos que estão em promoção, que chegam por vezes com quase uma semana de atraso. O responsável diz ainda que os custos acrescidos de transporte (devido à deslocação dos produtos por via terrestre de Lisboa para Leixões) estão a ser suportados pelo Pingo Doce, pelo que os preços dos produtos para o consumidor final têm-se mantido sem alterações. Elísio Santos afirma que o impacto desta greve está a ser muito grande, mas lembra que «estamos nas mãos de uma situação que não podemos controlar». «Estamos completamente alheios a esta situação», rematou.



Embora se verifiquem ligeiros atrasos, Isabel Catarina Rodrigues salienta que o abastecimento da Região tem estado salvaguardado.



Greve dos estivadores é «inadmissível»

Págs 4 e 5